

# Nascido para morrer: a cruz como símbolo do sacrifício e redenção em representações da Anunciação de Cristo

Clara Habib de Salles Abreu<sup>1</sup>

Submetido em: 29/04/2021

Aceito em: 19/05/2021

Publicado em: 30/06/2021

## **Resumo:**

A iconografia da Cruz, como materialização visual da morte de Cristo para a salvação da humanidade, aparece, por vezes, em cenas da Anunciação de Cristo, para demonstrar que Seu destino já estaria selado mesmo antes de nascer. Seja na forma de Crucifixo, geralmente entre o Anjo Gabriel e a Virgem Maria, ou sendo carregada pelo Menino Jesus que por vezes é figurado sendo lançado em direção à Virgem, analisaremos o símbolo da Cruz em algumas Anunciações realizadas entre os séculos XIV e XV e a fundamentação teológica dessa iconografia.

**Palavras-chave:** Arte Cristã, Iconografia, Cruz, Anunciação de Cristo, Sacrifício, Redenção.

---

<sup>1</sup> Professora substituta do DTHA/UERJ e pesquisadora de pós-doutorado no PPGHA/UERJ.

**Abstract:**

The iconography of the cross as a visual materialization of the death of Christ in order to save mankind is sometimes shown in representations of the Annunciation of Christ. It serves to show that His fate had already been sealed. The cross appears either as a crucifix, usually between the angel Gabriel and the Virgin Mary, or being carried by Christ Child, who is occasionally pictured being projected towards Mary. This paper analyzes the symbol of the cross in some annunciations created between the 14th and 15th centuries and the theological grounds for this iconography.

**Keywords:** Christian Art, Iconography, Cross, Annunciation of Christ, Sacrifice, Redemption.

“Assim, o Senhor entregou-se por nós à morte que não mereceu, para que não fosse nossa, a ruína que merecemos<sup>2</sup>.”

Segundo o *Gênesis*<sup>3</sup>, nos primórdios da humanidade, Deus criou o paraíso terrestre, o Jardim do Éden, e o habitou com o primeiro homem, Adão, e sua mulher Eva. Deus fez brotar do solo todo tipo de árvore, dentre elas a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento. De acordo com a palavra de Deus, Adão cultivaria o solo, e poderia comer os frutos de todas as árvores, a não ser o fruto da Árvore do Conhecimento. Ao desobedecerem à palavra de Deus e comerem o fruto proibido, Adão e Eva foram o veículo pelo qual o pecado entrou no mundo, e com o pecado veio a vergonha, o sofrimento e a morte. Adão e Eva foram expulsos do Éden e toda a humanidade foi condenada a herdar a sina do Pecado Original. Era preciso, então, que os homens se reconcilhassem com Deus. O arrependimento da humanidade, entretanto, apesar de necessário, não seria o suficiente. Foi preciso que Jesus Cristo, em sua natureza divina e humana, realizasse uma mediação entre Deus Pai e os homens. Deste modo, Cristo encarnou e padeceu todos os sofrimentos da carne para assim, por meio de um sacrifício definitivo, redimir o Pecado Original e restaurar a vida eterna aos homens.

O Novo Testamento, portanto, trabalha com a metáfora da morte de Cristo como um ritual de sacrifício necessário para que Deus se reconciliasse com a humanidade. No Velho Testamento, o ato do sacrifício simbolizava um ritual potente de aproximação entre a humanidade e Deus. Sacrifícios de animais eram conduzidos em uma espécie de negociação entre Deus e os homens que recorriam ao perdão dos seus pecados. Os rituais funcionavam a partir de uma lógica de substituição na qual o animal, vítima sacrificial, era oferecido como um presente para Deus no lugar do humano

---

<sup>2</sup> Agostinho de Hipona, *A Trindade*, São Paulo, Paulus, 1994, p. 168.

<sup>3</sup> Bíblia, Gênesis. In *Bíblia Sagrada. Tradução Ecumênica*, São Paulo, Edições Loyola, 1994, p. 24.

pecador ou de toda uma comunidade. O *Levítico*<sup>4</sup>, livro do Velho Testamento que possui as regras da *Tribo de Levi*<sup>5</sup>, esclarece a necessidade do sacrifício para a reparação do pecado e exemplifica com detalhes como deveriam ser os rituais de sacrifício animal e oferendas vegetais conduzidos pelos sacerdotes judeus. Dentre os animais habitualmente destinados ao sacrifício estavam bois, bodes, cordeiros e cabritos, que por regra deveriam ser “sem defeito”. De acordo com o *Levítico*, tais rituais eram possibilitados e regrados pela vontade de Deus. “Moisés disse: ‘Eis o que o Senhor vos mandou fazer, a fim de que vos apareça a glória do Senhor’<sup>6</sup>.”

Já o Novo Testamento traz a ideia da morte de Cristo como um sacrifício puro e definitivo pelo qual os pecados dos homens seriam perdoados, abolindo assim a necessidade dos sacrifícios animais e outras oferendas. Encontramos em Paulo os fundamentos dessa crença. Em sua Carta aos Hebreus, Paulo<sup>7</sup> descreve como, no culto antigo, sacerdotes realizavam sacrifícios de animais pelas faltas dos homens, porém, esses ritos só seriam aceitos até o “tempo da ordem certa”, no qual o sacrifício de Cristo suprimiria todos os outros.

Mas sobreveio Cristo, sumo sacerdote dos bens vindouros. [...] e pelo sangue, não de bodes e novilhos, mas por seu próprio sangue que ele [...] obteve uma libertação definitiva. Pois se o sangue de bodes e touros e a cinza de novilha esparzida sobre os seres maculados os santificam, purificando-lhes os corpos, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo espírito eterno se ofereceu a

---

<sup>4</sup> Bíblia, Levítico. In *Bíblia Sagrada. Tradução Ecumênica*, São Paulo, Edições Loyola, 1994, p. 160.

<sup>5</sup> Tribo de Israel que exercia a função sacerdotal.

<sup>6</sup> Bíblia, Levítico (9:6), op. cit., p. 170.

<sup>7</sup> Atualmente alguns pesquisadores contestam que São Paulo foi o autor desse texto. Ver: Adelbert Denaux, *Jesus Christ, High Priest and Sacrifice according to the Epistle to the Hebrews*, em Alberdina Houtman et al. (Ed.). *The Actuality of Sacrifice: Past and Present*, Leiden e Boston, Brill, 2014, p. 107.

Deus como vítima sem mancha, purificará nossa consciência das obras mortas para servir ao Deus vivo. [...] Eis por que ele é mediador de uma nova aliança, de um testamento novo; tendo sua morte intervindo para o resgate das transgressões cometidas sob a primeira aliança [...] <sup>8</sup>.

Cristo, em sua condição sem máculas ou manchas, foi capaz de oferecer a si mesmo como o sacrifício perfeito e definitivo a fim de que a humanidade pecadora se reconciliasse com Deus. Nesse sentido, Ele é visto, na Epístola aos Hebreus, ao mesmo tempo, como vítima sacrificial e como sacerdote que conduz o sacrifício <sup>9</sup> a partir do momento em que Ele se coloca inteiramente à disposição da vontade de Deus Pai. De acordo com Denaux, na Hepístola aos Hebreus,

A noção do sacerdócio e do sacrifício recebe um foco cristológico: Cristo é o sumo sacerdote digno de fé, porque ele foi autorizado por Deus e misericordioso para com os homens. Como o filho de Deus e irmão de homens, ele é o mediador “perfeito” entre Deus e os homens. Como o sacrifício perfeito, ele oferece a si mesmo, em toda sua pessoa, espírito e corpo (Sua morte na Cruz). Através do tabernáculo perfeito, Ele entra no santuário, o Paraíso, que é a morada de Deus. Seu sacrifício realiza seu propósito final: o perdão dos pecados, e proximidade de Deus <sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Bíblia, Hebreus (9:11-15). In Bíblia Sagrada. Tradução Ecumênica, São Paulo, Edições Loyola, 1994, p. 2358/2359.

<sup>9</sup> Para uma maior compreensão do entendimento de Cristo como, ao mesmo tempo, sacerdote e vítima sacrificial ver: Richard Viladesau, *The Beauty of the Cross: The Passion of Christ in Theology and the Arts, from the catacombs to the Eve of the Renaissance*, New York: Oxford University Press, 2006, p. 24 e Adelbert Denaux, op. cit., p. 118.

<sup>10</sup> T. da a.: “The idea of priesthood and sacrifice receives a Christological focus: Christ is the high priest worthy of faith, because he was authorized by God and is merciful towards men. As the son of God and brother of men, he is the ‘perfect’ mediator between God and men. As the perfect sacrifice, he offers himself, his whole person, spirit and body (his death on the Cross). Through the perfect tent, he enters into the sanctuary, that is, heaven, which is God’s dwelling place. His sacrifice realizes its ultimate purpose: the forgiving of sins, and nearness to God.” (Adelbert Denaux, op. cit., p. 121)

O Evangelho de João também traz a metáfora de Cristo como vítima sacrificial quando O compara a um cordeiro, animal frequentemente destinado ao sacrifício nos relatos veterotestamentários. João diz, “Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.”<sup>11</sup> Jesus seria, assim, a vítima sacrificial perfeita, o Deus/homem “sem defeito”. Tal sacrifício, porém, só foi possível porque, nas palavras do próprio João, “o Verbo se fez Carne”<sup>12</sup>, ou seja, porque o *Logos* divino encarnou, assumiu forma humana para morrer, ressuscitar e salvar a humanidade. Assim, a Redenção da humanidade através do sacrifício de Cristo é considerada como a finalidade máxima de Sua Encarnação entre os homens.

A ideia neotestamentária da Encarnação de Jesus Cristo como remédio para o Pecado Original foi expandida, em um primeiro momento, através da tradição patrística. De acordo com Viladesau, já encontramos em Atanásio<sup>13</sup>, Bispo de Alexandria, a crença de que a “[...] A encarnação do Verbo era necessária para a salvação da humanidade, porque somente a morte do Verbo encarnado bastaria para vencer a sujeição da humanidade à morte, incorrida por sua primeira desobediência a Deus<sup>14</sup>.”

Essa também é uma ideia recorrente no Ocidente, principalmente através da teologia Agostiniana. Em uma homilia sobre o Evangelho de João, Santo Agostinho<sup>15</sup> diz

---

<sup>11</sup> Bíblia, João (1:29) In *Bíblia Sagrada. Tradução Ecumênica*, São Paulo, Edições Loyola, 1994, p. 2045.

<sup>12</sup> Bíblia, João (1:14) In *Bíblia Sagrada. Tradução Ecumênica*, São Paulo, Edições Loyola, 1994, p. 2044.

<sup>13</sup> De acordo com Viladesau, Atanásio explora essa ideia no tratado “*Sobre a Encarnação do Verbo*”.

<sup>14</sup> T. da a.: “[...] incarnation of the Word was necessary for the salvation of humanity, because only the death of the incarnate Word could suffice to overcome humanity’s subjection to death, incurred by its primal disobedience to God.” (Adelbert Viladesau, op. cit., p. 25)

<sup>15</sup> Também no livro IV do seu *De Trinitate*, Santo Agostinho se debruça detalhadamente sobre essas questões. A ideia de Cristo como mediador entre Deus e a humanidade, da Encarnação como remédio para o Pecado Original e a de Cristo como sacerdote e vítima sacrificial são constantemente evocadas nesse livro.

Pelo pó ficaste cego, e pelo pó foste curado; a carne, então, te feriu, a carne te curou. [...] “O Verbo se fez Carne:” [...] E assim Ele veio pela carne para extinguir os vícios da carne e pela morte para matar a morte; Portanto, isto aconteceu em ti, e como “o Verbo se fez carne”, tu poderás dizer: “E vimos a Sua glória<sup>16</sup>.”

Quase um milênio depois, Tomás de Aquino, apoiando-se na autoridade das Sagradas Escrituras e de Santo Agostinho, reitera a necessidade da Encarnação de Cristo para a salvação da humanidade

Pois as coisas que provêm da vontade de Deus, acima de qualquer direito da criatura, só podem ser conhecidas por nós através da revelação da Sagrada Escritura, pela qual nos é dada a conhecer a vontade divina. Por isso, como em toda Sagrada Escritura o pecado do primeiro homem sempre é atribuído como a razão da Encarnação, é mais correto dizer que a obra da Encarnação foi ordenada por Deus como um remédio para o pecado, de modo que, não havendo pecado, não haveria Encarnação<sup>17</sup>.

Desse modo, Queda, Encarnação e Paixão se entrelaçam como episódios fundamentais para a narrativa cristã, tendo a Encarnação de Cristo como marco central de tais acontecimentos. O mistério da Anunciação, portanto, não se configura unicamente como um anúncio do Anjo Gabriel para

---

<sup>16</sup> T. da a.: “By dust thou wert blinded, and by dust thou art healed: flesh, then, had wounded thee, flesh heals thee. [...] “The Word was made flesh:”[...] And as He thus came by flesh to extinguish the vices of the flesh, and by death to slay death; therefore did this take place in thee, that, as “the Word became flesh,” thou mayest be able to say, “And we beheld His glory.” Agostinho de Hipona, “*Tratado II*” em Philip Schaff (Org.), *Nicene and Post-Nicene Fathers: Homilies on the Gospel of St. John and the Epistle to the Hebrews*, Hendrickson Publishers, Vol 7, 1995, p. 18. Consultado em: <https://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf107>

<sup>17</sup> T. da a.: “For such things as spring from God's will, and beyond the creature's due, can be made known to us only through being revealed in the Sacred Scripture, in which the Divine Will is made known to us. Hence, since everywhere in the Sacred Scripture the sin of the first man is assigned as the reason of the Incarnation, it is more in accordance with this to say that the work of the Incarnation was ordained by God as a remedy for sin; so that, had sin not existed, the Incarnation would not have been.” Tomás de Aquino, *Summa Teológica*, III, q.1, a.3.

Maria, como também marca o momento que precede imediatamente a Encarnação de Cristo em seu ventre. Na *Legenda Áurea*<sup>18</sup>, Varazze explica que a Encarnação do Senhor deveria ser precedida pela Anunciação do Anjo por três motivos, dentre eles, compensar a tentação de Eva pelo demônio com a subordinação de Maria diante da notícia trazida pelo Anjo.

Primeira razão, que a ordem da reparação correspondesse à ordem da prevaricação. Do mesmo modo que o diabo tentou a mulher para levá-la à dúvida, da dúvida ao consentimento, do consentimento à queda, o anjo anunciou à Virgem para estimular sua fé e levá-la da fé ao consentimento, do consentimento à concepção do Filho de Deus<sup>19</sup>.

O dia 25 de março, data na qual se comemora a Festa da Anunciação do Senhor, marca também a data na qual convergiriam todos esses acontecimentos que, entrelaçados seriam vitais para a Redenção da humanidade. No dia 25 teria ocorrido a Anunciação do Anjo e a concepção de Cristo; esse também seria o dia no qual, posteriormente, Cristo seria Crucificado; e supostamente, o dia em que, nos primórdios da humanidade, Adão e Eva caíram em tentação e o pecado entrou no mundo. Assim, tal data marcaria, simbolicamente, todo o ciclo de Queda e Redenção da humanidade.

Essa organização narrativa manifesta a importância, para o Cristianismo, de um tempo histórico linear e progressivo, que se inicia com a criação do mundo e do homem e tem a Encarnação como evento central de sua teologia. Santo Agostinho e, posteriormente, Boaventura, dividem a história do mundo em seis idades e entendem a Encarnação como evento fundamental dessa narrativa<sup>20</sup>. Os eventos anteriores à Encarnação seriam

---

<sup>18</sup> Jacopo de Varazze, *Legenda áurea: vida de santos*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 311.

<sup>20</sup> Ana Paula Tavares Magalhães, “*Concepção da história em Boaventura (1221-1274): encarnação, franciscanismo e redenção*”, *Acta Scientiarum*, Vol 34, Nº1. Maringá, 2012, p. 36.

uma preparação para esta e os posteriores consequências. A finalidade da Encarnação, porém, só se completa com o sacrifício de Cristo e a Redenção da humanidade. Tamara Quírico resume essas reflexões considerando que

Se a Encarnação de Cristo, enfim, é o ponto fundamental da teologia cristã desenvolvida ao longo dos séculos, ela ganha dimensão plena somente com o sacrifício de Cristo na cruz. [...] A Paixão de Cristo, então, é também elemento fulcral para o Cristianismo [...]. Desde o século XI, porém com mais intensidade ao longo dos séculos XIII e XIV, as práticas cristãs progressivamente enfatizaram não somente a morte e consequente ressurreição de Cristo, mas, especialmente, Sua agonia na cruz. No fim da Idade Média, Ele se tornaria cada vez mais o Cristo da Paixão e do sofrimento (o que, segundo Jacques Le Goff, explicaria o desenvolvimento da iconografia da *Pietà* e do *Ecce Homo*)<sup>21</sup>.

Seguindo esse raciocínio, uma ênfase na morte e no aspecto sacrificial do Cristianismo poderia explicar, parcialmente, o aparecimento do símbolo da Cruz, marca suprema do sacrifício de Cristo, em cenas da Anunciação, momento no qual a Sua Encarnação é materializada. Dentre outros símbolos do sacrifício e da redenção<sup>22</sup>, a Cruz é o mais óbvio e universal. De acordo com Viladesau, a Cruz remete aos cristãos diretamente o evento salvífico de sofrimento e morte de Jesus<sup>23</sup>, ou seja, a Cruz resume simbolicamente toda a trajetória da Paixão e morte de Cristo para a redenção da humanidade.

---

<sup>21</sup> Tamara Quírico, “A morte de Deus e a morte do homem: Paixão de Cristo, juízo final e triunfo da morte no fim da Idade Média”, *Nava. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens Instituto de Artes e Design*, Juiz de Fora, UFJF, v. 1, p. 8-25, 2015, p. 10/ 11.

<sup>22</sup> Funcionam, na iconografia cristã, como símbolos do sacrifício de Cristo, por exemplo, todas as *Arma Christ*, o romã, o pintassilgo, o pelicano etc.

<sup>23</sup> Adelbert Viladesau, op. cit., p. VII.

A cruz também é, por si só, elemento simbólico de conexão entre Queda e Redenção. Lendas sobre a Verdadeira Cruz<sup>24</sup> relatam que esta teria sido feita a partir da madeira da Árvore do Conhecimento da qual Adão e Eva comeram o fruto proibido. Assim, a matéria que possibilitou a entrada do pecado no mundo também seria a matéria que possibilitaria a redenção. De acordo com lendas apócrifas, Seth, filho de Adão, recorreu ao Anjo Gabriel em busca de ajuda quando seu pai adoeceu. Essa história, popularizada na Idade Média através da *Legenda Áurea*, relata que

[...] o anjo deu-lhe um galho da mesma árvore por cujo fruto Adão tinha pecado, informando que seu pai seria curado quando ela novamente frutificasse. Ao voltar, encontrou o pai morto e plantou aquele galho em seu túmulo, onde cresceu e tornou-se uma grande árvore, que durou até o tempo de Salomão<sup>25</sup>.

Essa versão da lenda da Verdadeira Cruz estabelece uma metáfora para a cura de Adão a partir da frutificação dessa árvore que aconteceria, simbolicamente, somente no momento em que ela fosse transformada na Cruz, instrumento da morte de Cristo no evento que redimiria e curaria, não só Adão, como todos os homens.

A *Legenda Áurea* segue relatando diferentes versões para a trajetória da madeira dessa árvore, arrancada por Salomão, até seu destino final como a Cruz de Cristo. Varazze explica que, de acordo com uma das versões da lenda, a árvore foi cortada por Salomão para ser utilizada na construção da Casa do Bosque, porém, ao ter contato com a madeira, a Rainha de Sabá diz a Salomão que “[...] naquela madeira seria suspenso aquele cuja morte deveria ser a causa da destruição do reino dos judeus<sup>26</sup>.” Assim, Salomão manda enterrar a madeira no local onde, posteriormente, seria construída

---

<sup>24</sup> Barbara Baert, *A Heritage Of Holy Wood: The Legend Of The True Cross In Text And Image*, Leiden e Boston, Brill, 2004. O livro de Bárbara Baert faz um apanhado das diferentes versões da lenda da Verdadeira Cruz citando suas respectivas fontes.

<sup>25</sup> Jacopo de Varazze, op. cit., p. 413.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 414.

a “piscina probática” na qual sacerdotes judeus lavavam os animais destinados aos sacrifícios. Acreditava-se que as águas da “piscina probática” possuíam propriedades curativas tanto graças à madeira enterrada nas suas profundezas, quanto devido à ação de um anjo que, por vezes, descia e agitava suas águas<sup>27</sup>. De acordo com Varazze, “conta-se que, ao se aproximar a época da Paixão, aquela viga de madeira subiu à superfície e os judeus a pegaram para fabricar a cruz de Cristo.”<sup>28</sup> Portanto, uma das mais populares lendas sobre a Verdadeira Cruz<sup>29</sup> traça a genealogia da madeira a partir da qual ela foi construída, desde os tempos de Adão até a Paixão de Cristo, estabelecendo mais um, entre os muitos elos, que vinculam Queda e Redenção.

O símbolo da Cruz, atravessado por seus significados, aparece, ao longo da história da arte, em diversas representações da iconografia cristã que não são, necessariamente, diretamente relacionadas à Paixão e à Crucificação, inclusive em cenas da Anunciação de Cristo. Uma das maneiras em que a Cruz é representada em cenas da Anunciação é através da iconografia do Menino Jesus que, por vezes, aparece carregando-a. O motivo do Menino Jesus em cenas da Anunciação aparece pela primeira vez em cerca de 1310 na *Árvore da Vida* de Pacino de Buonaguida. A primeira vez em que o símbolo da Cruz é agregado à iconografia do Menino na Anunciação, entretanto, acontece em 1360, na Boêmia, em uma iluminura do *Antifonário do convento de Vorau*<sup>30</sup> [fig. 1]. Em uma letra capitular do manuscrito iluminado, encontramos uma

---

<sup>27</sup> Segundo o Evangelho de João, pessoas enfermas se concentravam ao redor desse local, onde Jesus realizou a cura de um paraplético. “João” em *Bíblia Sagrada. Tradução Ecumênica*, São Paulo, Edições Loyola, 1994, p. 2052.

<sup>28</sup> Jacopo de Varazze, op. cit., p. 414

<sup>29</sup> Varazze não deixa de relatar, na *Legenda Áurea*, outras lendas sobre a madeira da Cruz, na maioria das vezes apontando as fontes que usou.

<sup>30</sup> T. da a.: “El primer caso en el que aparece la cruz habría que buscarlo en Bohemia (*Antifonario del convento de Vorau*, ca. 1360, cat. n- 40), una década antes que en Italia.” (Julio I. González Montañés, “*Parvulus Puer in Annuntiatione Virginis: Un estudio sobre la iconografía de la Encarnación*”, *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie Vil, H. del Arte, t. 9, 1996, p. 27.

Anunciação na qual Deus pai parece direcionar para a Virgem Maria o Menino Jesus carregando a Cruz. A composição da imagem estabelece uma linha de força diagonal entre Deus Pai, o Menino com a Cruz, o Espírito Santo em forma de pomba e a Virgem Maria.

Uma década depois, a iconografia do Menino com a Cruz surge na Itália na Anunciação de Lorenzo Veneziano [fig. 2]. A Anunciação de Lorenzo compõe o painel central de um políptico no qual as laterais possuem pinturas de santos. Nessa obra o Menino não é lançado em uma diagonal para a Virgem como na maioria das representações do tipo, mas se localiza acima dela, envolvido pelos braços de Deus Pai e seguido do Espírito Santo em forma de pomba. Curioso é o fato de anos antes Lorenzo ter pintado um políptico similar, porém a Anunciação anterior não contava com a iconografia do Menino carregando a Cruz.



Fig. 1

**Desconhecido**

*Anunciação*, 1360-63

Iluminura de Antifonário, Biblioteca do Convento de Vorau, (cod. 259, fol. 1), Bohemia. Procedência:

<http://www.bildindex.de/document/obj20823928>



Fig. 2

**Lorenzo Veneziano**

*Anunciação*, 1371

Galeria da Academia de Veneza, Itália. Procedência: <https://www.wga.hu/index1.html>

Ao longo do século XV, a iconografia do Menino carregando a Cruz nas Anunciações se difundiu com sucesso pelos territórios europeus. Dentre numerosos exemplos, algumas imagens específicas se mostram emblemáticas para analisar os diálogos estabelecidos entre teologia e arte. As citadas relações entre Queda, Encarnação e Redenção da humanidade são perfeitamente expressas em uma pintura florentina de 1450 atribuída a Pietro di Nicola Baroni [fig. 3]. No lado esquerdo da pintura, seguindo o esquema iconográfico iniciado por Fra Angelico, encontramos representados Adão e Eva. Na pintura em questão, porém, Adão e Eva são tentados pela serpente no Jardim do Éden, diferente das pinturas de Fra Angelico, que mostram o exato momento da expulsão. Ocupando todo o centro e o lado direito da obra está representada a Anunciação, evento central não só na pintura, mas na narrativa cristã. Lançado em meio a raios de luz em direção à Virgem Maria está o Menino Jesus segurando a Cruz que selará o seu destino. Nessa obra, a narrativa cronológica cristã é

materializada de maneira muito clara. O olhar do espectador encontra, primeiramente, a representação de Adão e Eva que cometeram o pecado que condenou a humanidade. Em um segundo momento, o olhar do espectador é direcionado para a Anunciação, evento necessário para que Cristo encarnasse e redimisse a humanidade através do Seu sacrifício na Cruz que Ele carrega como uma prefiguração da Crucificação. Esses três acontecimentos convergiram na simbólica data de 25 de março, como já apontado anteriormente.



Fig. 3

**Pietro di Nicola Baroni (atrib.)**

*Anunciação e Pecado Original*, 1450

23.6 cm x 45.2 cm

Pinacoteca-Museu Municipal de Arte de Ravenna, Itália. Procedência:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pietro\\_di\\_nicola\\_baroni,\\_annunciazione\\_e\\_peccato\\_originale,\\_1440-80\\_ca.\\_\(orvieto\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pietro_di_nicola_baroni,_annunciazione_e_peccato_originale,_1440-80_ca._(orvieto).jpg)

Outra obra que materializa plasticamente essas relações é um tríptico holandês também do século XV. Fechado [fig. 4], o tríptico exhibe uma Anunciação com o Menino carregando a Cruz, ou seja, momento no qual acontece a Encarnação daquele que já está fadado a morrer para redimir a humanidade. Aberto [fig. 5], a cena central do tríptico mostra a Crucificação, momento no qual se completa a missão já anunciada na imagem anterior através da Cruz carregada pelo Menino. Na Crucificação

do painel central vemos, aos pés da cruz, o crânio do primeiro homem. O crânio de Adão, iconografia recorrente em cenas da Crucificação, também faz uma clara conexão entre os eventos da Queda e Redenção, recorrendo à ideia de que Cristo teria sido crucificado no local de sepultamento de Adão. De acordo com Viladesau<sup>31</sup>, essa crença teria suas raízes em Orígenes de Alexandria, um teólogo da Patrística, e também no próprio significado da palavra Gólgota que, segundo o Evangelho de Mateus, significa o “*lugar do crânio*”<sup>32</sup>.



Fig. 4

**Desconhecido**

*Tríptico da Crucificação* (fechado), 1450

4,2 x 68,8 cm

Coleção particular, Holanda. Procedência: <http://goo.gl/Fha1kE>

---

<sup>31</sup> Adelbert Viladesau, op. cit., p. 195.

<sup>32</sup> “Tendo chegado ao lugar chamado Gólgota, isto é, lugar do crânio, deram-lhe de beber vinho misturado com fel. [...] Depois de o terem crucificado, repartiram suas vestes lançando a sorte.” *“Mateus” em Bíblia Sagrada. Tradução Ecumênica*, São Paulo, Edições Loyola, 1994, p. 1915.

Grande parte das Anunciações com o Menino realizadas ao longo do século XV também conta com o símbolo da Cruz que é carregada por Ele. Com essa iconografia enfatiza-se que Jesus levaria a marca de seu destino mesmo antes de sua concepção, ou seja, Ele nasceu para morrer e redimir a humanidade através de Seu sacrifício. Assim, a presença do Menino Jesus carregando a Cruz em cenas da Anunciação deixa implícita uma ligação entre os eventos mais importantes da narrativa cristã, a Encarnação e a Paixão. De acordo com Montañés “Com a presença da cruz, o motivo do Menino adquire plena significação, resumindo em uma imagem o mistério da Encarnação em sua finalidade redentora que se cumprirá por meio do sacrifício de Cristo na cruz<sup>33</sup>.”



Fig. 5

**Desconhecido**

*Tríptico da Crucificação* (aberto), 1450

94,2 x 68,8 cm

Coleção particular, Holanda. Procedência: <http://goo.gl/Fha1kE>

---

<sup>33</sup> T. da a.: “Con la presencia de la cruz, el motivo del Niño adquire plena significación, resumiendo en una imagen el misterio de la Encarnación y su finalidad redentora que se cumplirá por medio del sacrificio de Cristo en la cruz.” (Julio I. González Montañés, op. cit., p. 22.)

Uma associação mais explícita entre os dois eventos da narrativa cristã acontece em imagens como a Anunciação com o Cristo Crucificado de Nikolaus Stürhofer [fig. 6] do final do século XV. A obra compõe o painel central de um tríptico que também possui representações de Santa Ana e São Joaquim. A Anunciação de Stürhofer se passa em um ambiente fechado com uma janela aberta para uma paisagem externa. Pela janela, vemos no céu a figura de Deus Pai que emana raios de luz de sua boca fazendo uma alusão ao Verbo divino. Pelos raios de luz, o Espírito Santo em forma de pomba desliza até a Virgem Maria. Entre o Anjo Gabriel e Virgem, encontra-se a figura do Cristo crucificado.



Fig 6

**Nikolaus Stürhofer**

*Anunciação com Cristo Crucificado*, 1495-1500

131,5 x 99,6 cm

Igreja dos Santos Ingenuin e Albuin, Tirol. Procedência: [https://www.akg-](https://www.akg-images.co.uk/CS.aspx?VP3=SearchResult&VBID=2UMESQO7CL1K6&POPUPPN=3&POPUPIID=2UMDHURRV43B#/SearchResult&VBID=2UMESQO7CL1K6&POPUPPN=3&POPUPIID=2UMDHURRV43B)

[images.co.uk/CS.aspx?VP3=SearchResult&VBID=2UMESQO7CL1K6&POPUPPN=3&POPUPIID=2UMDHURRV43B#/SearchResult&VBID=2UMESQO7CL1K6&POPUPPN=3&POPUPIID=2UMDHURRV43B](https://www.akg-images.co.uk/CS.aspx?VP3=SearchResult&VBID=2UMESQO7CL1K6&POPUPPN=3&POPUPIID=2UMDHURRV43B#/SearchResult&VBID=2UMESQO7CL1K6&POPUPPN=3&POPUPIID=2UMDHURRV43B)

O Cristo crucificado na Anunciação de Stürhofer tem precedentes em outras imagens, dentre elas uma pintura italiana do final do século XIV [fig. 7] e um painel de alabastro inglês do início do século XV [fig. 8]. Na pintura

italiana, entretanto, a Crucificação parece ser representada em um espaço à parte, deslocada da Anunciação em si e não como parte integrante da cena, como em Stürhofer. Em uma mandorla acima da Anunciação encontramos o modelo iconográfico do Trono da Graça, ou seja, Jesus crucificado sendo segurado por Deus Pai entronado e entre eles o Espírito Santo em forma de pomba. Abaixo do crucifixo, o crânio de Adão, fazendo a conexão entre a Queda do homem, a Encarnação de Cristo e Sua morte para a Redenção da humanidade.



Fig. 7

**Desconhecido**

*Anunciação*, 1350-1400

Palácio Abatellis de Palermo, Itália. Procedência: <http://goo.gl/5dbrCI>

Já o painel inglês [fig. 8] remete às representações do Cristo Crucificado nos lírios, originadas na Inglaterra Medieval em cenas da Anunciação ou mesmo em cenas isoladas da Crucificação. O lírio, símbolo da pureza da Virgem Maria, quando presente na Crucificação, também faz uma ligação entre a Encarnação e a Paixão de Cristo. No painel de alabastro, a Cruz de

Cristo emerge de um vaso, formada a partir de um ramo de lírio e se torna uma espécie de árvore da vida que é segurada por Deus Pai entronado.



Fig. 8

**Desconhecido**

*Anunciação/Árvore da Vida*, 1400

Victoria & Albert Museum, Londres. Procedência: <http://collections.vam.ac.uk/item/O71407/the-annunciation-with-trinity-panel-unknown/>

Duas iluminuras de livros manuscritos possuem uma iconografia similar com o mesmo objetivo de enfatizar o caráter redentor da Anunciação de Cristo. A primeira delas é uma iluminura de um livro de horas inglês [fig. 9] datado do final do século XIV ou início do XV, na qual o Cristo nos lírios aparece entre o Anjo Gabriel e a Virgem no momento da Anunciação. A segunda é uma iluminura de um livro de horas francês [fig. 10] do século XV. Na Anunciação francesa, vemos, aos pés da Virgem Maria, um vaso do qual emerge o crucifixo envolto pelo ramo de lírios. Das três extremidades da Cruz brotam três flores de lírio, fazendo também uma alusão ao caráter trinitário da Anunciação. A representação das três flores

parece ter sido uma maneira sutil encontrada pelo artista para demonstrar que o mistério da Encarnação de Cristo foi responsabilidade de toda a Santíssima Trindade.



Fig. 9

**Desconhecido**

*Anunciação*, 1390-1400

Miniatura do Livro de Horas da Biblioteca do Palácio de Lambeth (MS 545 fol. 164v.), Londres.

Procedência: <https://br.pinterest.com/pin/426927239648791108/>



Fig. 10

**Desconhecido**

*Anunciação*, 1533

Miniatura do Livro de Horas de Antoine Le Bon, Biblioteca Nacional da França (MS NAL 302, fol. 13v), Paris. Procedência: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b525017457/f34.item.r=Heures>

Encontramos, na Cruz, o símbolo do sacrifício de Cristo para a redenção da humanidade. Inserida em cenas da Anunciação, a iconografia da Cruz marca que o destino de Cristo foi definido antes mesmo de sua concepção e enfatiza que Ele nasceu para morrer e redimir os pecados dos homens. Estabelecendo uma conexão entre Queda, Encarnação e Redenção, a presença da Cruz em cenas da Anunciação também marca a importância de uma estrutura narrativa linear e cronológica para a teologia cristã que tem como evento central a própria Encarnação de Cristo. Concluindo, esse artigo pretendeu demonstrar, através de fontes teológicas, uma fundamentação para o caráter redentor da Encarnação de Cristo. Também pretendemos demonstrar como essa teologia é assimilada em imagens da Anunciação, principalmente através da iconografia da Cruz, que aparece sendo carregada pelo Menino que é lançado em direção à Virgem ou na forma de Crucifixo entre o Anjo Gabriel e Maria.